



## A MEDIAÇÃO DE VYGOTSKY EXERCIDA PELO PROFESSOR DE APOIO DE ESTUDANTES AUTISTAS

### VYGOTSKY MEDIATION BY THE AUTISTIC STUDENT SPECIAL EDUCATION TEACHER

**Bianca Harder<sup>1</sup>**  
**Bianca Renata Gracheki<sup>2</sup>**  
**Thiciane Pieczarka<sup>3</sup>**

#### RESUMO

O professor de apoio de estudantes autistas tem o papel de mediar a aprendizagem e o desenvolvimento. Diante disso o objetivo dessa pesquisa foi analisar o processo de mediação dos professores de apoio de alunos autistas sob o olhar da teoria da mediação em Vygotsky. Essa pesquisa é qualitativa e exploratória e foi realizada com duas professoras de apoio através de entrevistas semiestruturadas. Após a coleta dos dados, foi realizada a transcrição das entrevistas e a análise dos dados a partir dos critérios de medição de Vygotsky. Nos dados coletados foi observado elementos condizentes com o conceito de mediação (instrumentos e signos). Os signos e instrumentos que as professoras de apoio de alunos autistas utilizam durante seu processo de mediação, são a linguagem oral, os colegas de classe, materiais didáticos e o ambiente da biblioteca. Percebemos a relevância de ampliar os conhecimentos sobre os conceitos de mediação de Vygotsky para auxiliar na formação de professores e, principalmente, na aprendizagem de estudantes autistas.

**PALAVRAS-CHAVE:** Mediação. Estudantes autistas. Professor de apoio.

#### ABSTRACT

The autistic student special education teacher has the role of mediating learning and development. The main goal of this research was to analyze the mediation process of autistic student special education teachers under the Vygotsky mediation theory. This research is

<sup>1</sup> Discente de Curso de Pedagogia da Faculdade Fidelis.

<sup>2</sup> Discente de Curso de Pedagogia da Faculdade Fidelis.

<sup>3</sup> Doutora em Educação pela UFPR. Docente do curso de Licenciatura em Pedagogia da Faculdade Fidelis.  
[thiciane.pieczarka@fidelis.edu.br](mailto:thiciane.pieczarka@fidelis.edu.br)

qualitative and exploratory and was carried out with two special education teachers through semi-structured interviews. After collecting the data, the transcription of the interviews and the analysis of the data from Vygotsky's measurement criteria were performed. In the collected data were observed elements consistent with the concept of mediation (tools and signs). The signs and tools that autistic students' special education teachers use during their mediation process are oral language, classmates, teaching materials and the library environment. We realized the relevance of expanding the knowledge of Vygotsky's concepts of mediation to assist in teacher training and, especially, in the learning of autistic students.

**KEYWORDS:** Mediation. Autistic students. Special education teacher.

## INTRODUÇÃO

Desde muito cedo, observamos que existem alguns aspectos que fazem a diferença quando tratamos do desenvolvimento de um estudante autista, e um dos pontos principais são os professores de apoio e a importância deles na inclusão deste estudante. Essa descoberta se deu pelo fato do irmão de uma das pesquisadoras ter sido tardiamente diagnosticado com o Transtorno do Espectro Autista (TEA).

Neste caso, o estudante apresentava uma defasagem maior na parte social, e, a partir do momento em que ele foi diagnosticado, a instituição que ele frequentava designou um professor de apoio para fazer o seu acompanhamento educacional. Houve a percepção de que a partir dessa ação o estudante conseguiu se desenvolver integralmente, tanto no social como também no cognitivo.

Durante a caminhada na graduação em Pedagogia, foi possível notar que os estudantes autistas possuem algumas especificidades em relação ao seu desenvolvimento e aprendizagem. Assim, nós como futuras pedagogas e professoras entendemos que é importante buscar conhecimento sobre essa interação e auxílio que o professor de apoio exerce em relação ao estudante. Assim, partimos desse tema para realizar a pesquisa e buscar entender como a mediação acontece para esses estudantes, uma vez que esses alunos aprendem conforme a sua própria singularidade.

Segundo o *Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders - DSM-V* (APA, 2014), o TEA pode ser classificado em: grau leve que seria o nível 1, grau moderado que seria o nível 2 e o grau severo nível 3 que levam em consideração as dificuldades na comunicação, nos interesses restritos e comportamentos repetitivos. É uma condição geral para um grupo de desordens complexas do desenvolvimento do cérebro, antes, durante ou logo após o nascimento (WHITMAN, 2015). Embora todas as pessoas com TEA tenham essas dificuldades, elas se manifestam de forma singular em cada um pois o ser humano é um ser excêntrico.

Hoje, após muitos avanços nas políticas de inclusão no Brasil (BRASIL, 2008), muitos estudantes com TEA estão incluídos nas escolas regulares de ensino. Buscando o êxito na inclusão e o atendimento das especificidades destes estudantes, muitas instituições de ensino, como na Rede Estadual do Paraná, disponibilizam o professor de apoio especializado, esse sendo o profissional habilitado para atuar nas instituições de ensino com o objetivo de atender os estudantes autistas mediando a aprendizagem e a escolarização (PARANÁ, 2016).

Diante disso, o foco da pesquisa está na análise do processo de interação entre o professor de apoio educacional especializado (PAEE) e o estudante autista, em como ocorre a mediação entre os sujeitos considerando essas especificidades.

Para tanto, escolhemos como base para a presente pesquisa a teoria do psicólogo Lev Vygotsky (1896-1934), que afirma que o desenvolvimento e aprendizagem ocorre nas interações sociais entre os indivíduos, e essas são mediadas por instrumentos e signos (VYGOTSKY, LURIA, 1994).

É de grande relevância analisar o processo interativo do professor de apoio com o estudante sob a perspectiva da mediação de Vygotsky para que possamos compreender como essa mediação é exercida por esses profissionais, quais instrumentos e signos são utilizados e quais estratégias demonstraram êxito de acordo com a perspectiva desses professores.

A pesquisa aqui realizada tem como objetivo geral analisar o processo da mediação do professor de apoio de estudantes autistas sob a perspectiva da mediação de Vygotsky.

Com base nesse entendimento pretende-se:

- a) evidenciar a concepção de mediação em Vygotsky
- b) conhecer como ocorre a interação do PAEE com seu estudante.
- c) identificar os instrumentos e signos utilizados pelos professores de apoio, segundo a teoria de mediação de Vygotsky.

A pesquisa tem caráter qualitativo com natureza exploratória. O presente artigo busca demonstrar uma breve fundamentação teórica, seguida dos procedimentos metodológicos. Então irá apresentar a análise e resultado dos dados coletados, finalizando com breves considerações sobre o tema pesquisado.

## **1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

Apresentaremos aqui primeiramente a teoria do psicólogo Lev Vygotsky em relação ao conceito e o processo de mediação segundo a sua teoria.

Em seguida será abordado questões relacionadas a inclusão de autistas, o professor de apoio especializado, e na sequência a mediação do professor de apoio para os estudantes autistas.

### 1.1 MEDIAÇÃO EM VYGOTSKY

De acordo com os estudos de Vygotsky e Luria (1994), a interação social é fundamental, para a aprendizagem e o desenvolvimento. Esta interação com o meio é sempre mediada a partir de signos e instrumentos criados pelo homem. É a partir desses processos que nos definimos como homens e constituímos o pensamento, a linguagem e desenvolvemos as funções mentais superiores (VYGOTSKY; LURIA,1994).

A mediação constituída pelo uso de signos é a atividade interna do indivíduo, enquanto os instrumentos são de natureza externa. Como afirma Ripper (1993, p. 25):

A mediação por signo e instrumento são de natureza diversa, enquanto o signo constitui uma atividade interna dirigida para o controle do próprio sujeito, o instrumento é orientado externamente, para o controle da natureza. Tanto o controle do comportamento como o da natureza acarretam mudanças no funcionamento cognitivo.

Os instrumentos na mediação se dão pelo uso de ferramentas externas criadas pelo homem ao longo da história e, com a utilização desses instrumentos que se pode ir além no processo de desenvolvimento e aprendizagem. São exemplos desses instrumentos: a caneta que o aluno usa, os livros didáticos, a carteira, entre outros, enfim, tudo o que está em volta, criado ou da natureza, e faz parte da cultura do homem e se utiliza para desenvolver e internalizar os processos psíquicos superiores.

Em relação aos signos Ripper (1993, p.25) afirma que “a linguagem escrita tem um importante papel de mediação na internalização das funções mentais superiores” uma vez que é por meio dessa internalização dos signos que ocorre a mudança de comportamento dos indivíduos.

Para Vygotsky e Luria (1994) a fala exerce um papel importante no desenvolvimento, é através dela que a criança organiza a atividade prática, não utilizando apenas seus olhos e mãos (VYGOTSKY, LURIA.1994).

A mediação com o uso de instrumentos e signos são realizadas em conjunto, uma depende diretamente da outra, segundo Vygotsky e Luria (1994) o início da atividade simbólica desempenha um papel organizador específico, pois vai além do processo do uso de

instrumentos, dando origem a novas formas de comportamento. Para os autores é a partir dos signos que a criança consegue realizar determinada tarefa com a utilização de instrumentos e assim organizar as funções psicológicas superiores (VYGOTSKY, LURIA.1994).

O processo de mediação é muito além da interação entre o indivíduo e o meio. Para Vygotsky (2008) mediação e interação são dois conceitos distintos, e a mediação diz respeito especificamente a processos de aprendizagem com a relação de uma pessoa detentora de maior conhecimento, sendo este conhecimento sistematizado, e culturalmente e cientificamente construído, com um aprendiz, ou seja, a relação intencional em um processo de ensino-aprendizagem. Nesse sentido, cabe ao professor a responsabilidade pela aprendizagem do estudante, que ocorre pela internalização do conhecimento historicamente construído, gerando assim o desenvolvimento (VYGOTSKY, 2008).

Os conceitos de Zonas de Desenvolvimento auxiliam na compreensão de como a aprendizagem gera desenvolvimento, elas são constituídas da seguinte maneira:

Aquilo que a pessoa já consegue realizar sozinha está dentro da Zona de Desenvolvimento Real e são aprendizagens já consolidadas. Já aquilo que essa pessoa pode aprender com a ajuda de outro, estão dentro da Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP) que são aprendizagens que ainda estão em construção. E aquilo que essa pessoa ainda não é capaz de fazer mesmo com a ajuda de outra pessoa mais experiente, mas pode aprender no futuro, fica na Zona de Desenvolvimento Potencial.

Essas zonas estão em constante transformação, pois quando se aprende aquilo que está dentro da zona de desenvolvimento proximal ela se torna real. Conforme essas aprendizagens são consolidadas aquilo que está na zona de desenvolvimento potencial se torna possível e entra na zona de desenvolvimento proximal.

A ZDP se aplica em todas as áreas em que há uma possível aprendizagem, segundo Stoltz (2012, p. 64):

Há muitas ZDPs em cada um de nós, as quais são relativas as diferentes áreas do nosso conhecimento. Por exemplo o nível de desenvolvimento real em matemática pode ser muito inferior ao nível de desenvolvimento real em história. É preciso conhecer esse nível nos alunos para poder intervir pouco além dele.

Neste ponto o papel do professor é fundamental, pois ele irá auxiliar seu aluno com aprendizagens que ele não poderia aprender sozinho, sendo um mediador da situação o estudante poderá aprender e se desenvolver, quanto mais aprende, mais capaz ele se torna.

Entende-se então que na teoria Vigotskiana a mediação se constitui a partir dos instrumentos e signos que são essenciais para o desenvolvimento das funções psicológicas

superiores. Na escola o professor de apoio é o mediador da aprendizagem. Sendo uma das fontes do conhecimento disponíveis ao aluno, é esse profissional quem irá auxiliá-lo a se desenvolver a partir das zonas de desenvolvimento.

## 1.2 INCLUSÃO DE PESSOAS COM TRANSTORNO DE ESPECTRO AUTISTA

O TEA é uma condição psíquica caracterizada por dificuldades na comunicação social, por interesses restritos e por comportamentos repetitivos (APA, 2014), e, embora todas as pessoas com TEA tenham essas dificuldades, elas se manifestam de forma singular em cada um. Pode ser classificado em diferentes graus que variam de acordo com a intensidade da manifestação das especificidades do transtorno (APA, 2014).

Este quadro clínico se enquadra ao que era definido dentro da Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva Inclusiva por Transtornos Globais do Desenvolvimento (antiga nomenclatura para o atual TEA).

A Educação Especial passa a integrar a proposta pedagógica da escola regular, promovendo o atendimento aos estudantes com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades/superdotação. (BRASIL, 2008, p.11).

Ou seja, o TEA faz parte do público-alvo de políticas da Educação Especial, e, portanto, tem garantia de acesso às escolas regulares de ensino comum, bem como de Atendimento Educacional Especializado.

A Lei nº 12.764 de 2012, que institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista reitera no artigo 3 inciso IV a garantia do acesso ao ensino comum para o estudante que possui TEA, e também diz que “em casos de comprovada necessidade, a pessoa com transtorno do espectro autista incluída nas classes comuns de ensino regular, nos termos do inciso IV do art. 2º, terá direito a acompanhante especializado.” Esse acompanhante tem um papel fundamental na mediação de conhecimentos desse estudante, ajudando assim no desenvolvimento integral desse indivíduo.

Quando comprovada a necessidade, é possível a disposição de um profissional especializado que irá auxiliar o estudante autista em suas atividades educacionais. Isso visa o êxito no processo inclusivo. No entanto, a inclusão não é garantida apenas com a presença de um acompanhante especializado. Uma escola inclusiva necessita de um ambiente propício no que diz respeito à recursos materiais e humanos. Cunha (2015) destaca que não podemos pensar em inclusão escolar, sem pensarmos em ambiente inclusivo, inclusivo não somente em razão dos recursos pedagógicos, mas também pelas qualidades humanas. Uma vez que esse estudante

está incluso em uma classe regular e possui especificidades no seu processo de desenvolvimento.

A partir das pesquisas de Mendes (2011) foi possível afirmar que estudantes que possuem necessidades especiais e que estão inclusos em classes regulares de ensino mostram resultados positivos em relação ao seu desenvolvimento, pois o ambiente escolar acaba se tornando mais colaborativo, e beneficia todos os estudantes. além dessa situação desafiar o professor a somar esforços na garantia de uma inclusão responsável (MENDES, 2011).

Nesse sentido, não podemos falar sobre inclusão se não relacionamos o papel do professor especializado que deve somar esforços com a equipe da escola, sempre passando informações a respeito do desenvolvimento, comportamento e aprendizagem do aluno, sem perder o seu referencial pedagógico.

### 1.3 PROFESSOR DE APOIO EDUCACIONAL ESPECIALIZADO

Para que a inclusão realmente aconteça de maneira que atenda às necessidades educacionais do estudante com TEA, o Estado do Paraná possui uma Instrução Normativa (PARANÁ, 2016) onde estabelece e esclarece a função do Professor de Apoio Educacional Especializado (PAEE).

Na Instrução Normativa nº 01/2016 do Estado do Paraná o Professor de Apoio Educacional Especializado, é definido como um profissional habilitado para trabalhar nas instituições de ensino que compreendem a Educação Básica e a Educação de Jovens e Adultos, que fazem parte da Rede Pública do Estado do Paraná, a fim de acompanhar os estudantes diagnosticados com o TEA. De acordo com a normativa esse profissional irá atender esse estudante com uma “comprovada necessidade relacionada a sua condição de funcionalidade para a escolarização e não relacionada à condição de deficiência, sendo agente de mediação do aprendizado e escolarização” (PARANÁ, 2016, p. 1).

Ou seja, só após um estudo de caso criterioso em relação as necessidades do estudante com TEA, com a participação de outros profissionais envolvidos, será decidido se realmente a presença do PAEE é indispensável para o estudante. É importante lembrar que a presença desse profissional não substitui “(...) à escolarização ou ainda à frequência na Sala de Recursos Multifuncional, mas articula-se de forma colaborativa com o currículo proposto para a sala de aula comum, Sala de Recursos Multifuncional e outras atividades previstas na escola” (PARANÁ, 2016, p. 2).

Cabe destacar que o PAEE irá auxiliar o estudante com TEA como mediador da aprendizagem e não focando nas questões relacionadas ao transtorno. Ou seja, o professor de apoio é aquele que media e auxilia as questões relacionadas apenas a escolarização do estudante com TEA. Dessa maneira o PAEE deve trabalhar em conjunto com o professor regente, realizando a mediação das mesmas atividades dos demais alunos previstas no currículo. De modo algum deve-se excluir o estudante das demais atividades, seja em sala de aula, ou outras atividades realizadas pela escola, mas deve-se possibilitar situações em que desperte a aprendizagem e a autonomia desse estudante.

#### 1.4 MEDIAÇÃO DO PROFESSOR DE APOIO PARA AUTISTAS

O professor de apoio para estudantes autistas exerce um importante papel diante da aprendizagem e desenvolvimento do estudante. É ele quem irá mediar os conhecimentos, habilidades necessárias para que esse estudante conquiste a autonomia e uma aprendizagem significativa.

Por se tratar de um transtorno em que há dificuldade na interação social e comunicação, os professores precisam planejar uma mediação que atenda todas as especificidades dos indivíduos

Uma abordagem educacional que não se reduza ao treinamento de habilidades de comunicação, mas sim que esteja aberta a sua constituição enquanto sujeito a partir do desenvolvimento da linguagem, da interação social e de sua contextualização histórica (ORRÚ, 2010, p.8).

Nesse sentido, a aprendizagem precisa ser significativa para esse aluno, e não apenas um simples treinamento de habilidades. Para tanto, é necessário realizar uma mediação a partir de instrumentos e signos eficazes para o desenvolvimento desse estudante. Nesse sentido Vygotsky e Luria (1994) afirmam que somente a partir de uma mediação dentro das zonas de desenvolvimento que se constituem as funções psicológicas superiores.

Em relação ao processo de mediação Orrú (2009, p. 101) esclarece que

O professor cumpre o papel de agente nas mediações desse processo com proporcionamento e o favorecimento da inter-relação (encontro/confronto) entre o sujeito, o aluno e o objeto de seu conhecimento, que é o conteúdo escolar. Nesse processo de mediação, o saber do aluno enquanto sujeito ativo, é muito importante na formação do seu conhecimento.

Assim sendo, é relevante que a mediação do professor de apoio leve em conta o conhecimento do estudante, uma vez que é importante que esse estudante seja o protagonista nesse processo de ensino aprendizagem.

Sabemos que estudantes com TEA apresentam maneiras diferenciadas em relação a aprendizagem (ORRÚ, 2009), dessa maneira o professor deve levar isso em consideração em seu trabalho, apresentando metodologias diferenciadas com cada estudante que realiza a mediação pois os estudantes não aprendem da mesma maneira. “É preciso conhecer o perfil de cada indivíduo, pois o que é proveitoso com um nem sempre o é com outro, os interesses podem ser diversos, bem como o próprio quadro sintomático pode apresentar diferenciações” (ORRÚ, 2009, p.170).

É importante conhecer o estudante, quais seus limites e possibilidades em relação ao desenvolvimento e aprendizagem. Nesse sentido será possível realizar o planejamento de práticas pedagógicas que atendam as especificidades dos estudantes.

Orrú (2010) faz uma relação com a teoria histórico cultural de Vygotsky e relata que nenhuma pessoa pode ser privada de se relacionar com outras pessoas, independente se há ou não algum transtorno, pois é a partir dessa relação social, do ambiente cercado por pessoas que a mediação ocorre. Para a autora manter o diálogo entre o professor e o aluno é fundamental no processo de mediação, além disso essa abordagem precisa ser constante, uma vez que esse signo só tem vida se realmente for utilizado como mediação entre esses indivíduos (ORRÚ, 2010, p.11).

A linguagem é fundamental em relação a mediação de conhecimentos para os estudantes pois

(...) proporciona a constituição da atividade psicológica, a transformação e o desenvolvimento do pensamento, sendo constitutiva para o homem e permitindo haver a interação social, a internalização e a generalização de significados (ORRÚ, 2009, p.96).

Podemos dizer então que com o uso da linguagem na mediação o estudante se torna capaz de internalizar os conceitos e desenvolver a aprendizagem, “por meio da linguagem que ocorre a formação dos processos mentais dos alunos e tem grande influência na constituição dos processos psíquicos” (ORRÚ, 2009, p.85). A utilização da linguagem como mediação para os estudantes autistas possibilita a maior habilidade no processo de desenvolvimento “da imaginação, ação essa, em geral tão comprometida com pessoas com a síndrome” (ORRÚ, 2009, p.111). Nesse sentido torna-se importante utilizar na prática pedagógica o uso desse signo na mediação com os estudantes que apresentam o TEA.

## 2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A pesquisa é qualitativa, com natureza exploratória buscando conhecer mais sobre como ocorre a mediação de professores de apoio de alunos com TEA, e foi realizada através de um estudo de campo a partir de uma amostra de conveniência, que contou com duas professoras, que foram entrevistadas a partir de um guia de questões semiestruturadas. Elas assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE dando consentimento para utilizarmos os dados obtidos a partir das entrevistas na pesquisa.

O instrumento de coleta de dados foi a entrevista pois, “permite criação de uma relação baseada em comunicações verbais e não verbais” (FLICK, 2009, p.240). Sendo assim, o pesquisador vai gerando durante a entrevista indagações e provocações para obter detalhes da pessoa que está sendo entrevistada. Contudo, uma vez que devido a pandemia do COVID-19 nos encontramos na situação de distanciamento social, as entrevistas foram realizadas de modo *online* pelo aplicativo *Google Meet*, em setembro de 2020.

Após a coleta dos dados, foi realizada a transcrição das entrevistas da professora 1 e a professora 2, e a análise individual de cada uma a partir da teoria de Vygotsky.

Após os elementos condizentes com o conceito de mediação (instrumentos e signos) serem elencados os resultados foram discutidos para responder o objetivo da pesquisa.

## 3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foram realizadas entrevistas semiestruturadas com duas professoras de apoio de estudantes autistas, as professoras trabalham em escolas da rede pública do Estado do Paraná e cada uma atende a dois estudantes com TEA.

Para preservar a identidade das entrevistadas foram descritas como professora 1 e professora 2.

### 3.1 ENTREVISTA COM A PROFESSORA 1

A professora 1 é graduada em licenciatura em Educação Física com especialização em Educação especial, e trabalha como professora de apoio há 5 anos.

Seu maior desafio como professora de apoio está no relacionamento com os professores regentes, por não estarem preparados para atender os estudantes com necessidades

especiais. Nas palavras da professora 1 o maior desafio está em “sentar com o professor e explicar como precisa ser feito, como tem que ser, como explicar para o aluno”. Em seguida falou sobre seu maior êxito, que está em desenvolver uma amizade com o estudante, assim como fazer a turma toda se envolver com aquele estudante.

Durante a entrevista a professora 1 mencionou que quando começou a trabalhar com o estudante com TEA sua primeira ação foi de socializar com esse estudante, criar vínculo, e conforme a opinião da professora 1 “isso não foi difícil de se realizar”.

A professora 1 relatou que o fato de as salas serem pequenas para abrigar 40 alunos atrapalha seu trabalho como professora de apoio no processo de aprendizagem dos estudantes. Para dirimir essa situação o estudante com TEA é retirado de sala de aula, em alguns momentos, pelo professor de apoio para que este obtenha a atenção do estudante com TEA.

Foi perguntado se a professora 1 utiliza alguma metodologia diferenciada no processo de aprendizagem? Ela argumentou que é difícil utilizar uma metodologia diferente pois cada estudante aprende de maneiras diferenciadas, por exemplo: os estudantes acompanhados por ela têm boa oratória e em função disso as avaliações escritas também eram reforçadas oralmente. Conforme relato da professora 1: “Eu percebia que o estudante *x* gostava muito de falar, de discutir sobre os assuntos, ambos são muito participativos, então eu como professora não aplico somente a avaliação escrita, eu avaliava oralmente, porque para eles era mais fácil falar do que escrever, eles discursam muito bem”.

A professora 1 relatou que não é função do PAEE realizar o planejamento, e sim do professor regente, ressaltou ainda que os professores de apoio são “como pontes entre o professor regente, o conteúdo e os estudantes”.

Foi questionado em relação de como os estudantes absorvem os conteúdos escolares a partir do trabalho realizado pela professora 1 e quais seriam as ações executadas por ela para esse processo ocorrer? O procedimento adotado pela professora 1 é de primeiramente aprender o conteúdo que a professora regente ensina aos estudantes e, na sequência repassar esse mesmo conteúdo para os estudantes com TEA na biblioteca da escola, pois segundo a professora 1 “é o lugar mais calmo e com mais chance deles não se desconcentrarem como dentro da sala de aula”. Não é utilizado material específico a fim de obter o entendimento por parte dos estudantes. Ela respondeu que não foi necessário utilizar algum material específico e que apenas o livro didático dos estudantes já é suficiente para que aprendam o conteúdo “eu apenas mostrava no material didático as atividades que eles tinham que realizar e lia com eles”.

A professora 1 abordou a questão da interpretação dos estudantes com TEA em relação a leitura das avaliações. Ela leva os estudantes na biblioteca para que, assim, ela possa ler a avaliação para eles e os ajudar na interpretação.

Ao ser questionada a respeito da comunicação com seus estudantes, ela informou que quando os estudantes tinham alguma dúvida em relação as atividades eles conseguiam se expressar oralmente.

A professora 1 relatou que a melhor maneira de passar conteúdo além de levá-los na biblioteca é quando eles realizam atividades em grupo, “porque era o momento em que eles discutiam sobre o conteúdo, e assim ficava mais fácil absorver o que estava sendo passado”. Acrescentou ainda que nas aulas que havia atividade em grupo era o momento em que percebia um maior crescimento e absorção do conteúdo, além da importância de desenvolver a amizade com os estudantes e fazer com que a turma toda se envolva com eles.

A professora 1 então finalizou a entrevista falando que gosta de trabalhar a questão da autonomia deles, incentivando os estudantes a resolverem as questões educacionais sozinhos, sem depender somente do trabalho exercido por ela, mas deixando claro que estaria ali para tirar as dúvidas e auxiliá-los no que for necessário.

### 3.2 ENTREVISTA COM A PROFESSORA 2

A professora 2 possui duas graduações, licenciatura em Educação Física e licenciatura em Pedagogia, e atua como PAEE há 10 anos.

Em relação ao maior desafio que ela encontrou ao trabalhar com estudantes com TEA, informou que é realizar o trabalho acompanhando dois estudantes com TEA no mesmo turno de trabalho. Pois a sua experiência sempre foi com apenas um estudante por turno. Nesse sentido afirmou que por possuírem perfis de personalidade diferentes os estudantes desafiaram a sua prática pedagógica ainda mais. A professora 2 declarou que para se preparar leu relatórios dos estudantes e conversou com a pedagoga para assim planejar como iniciar a sua prática docente.

Durante a entrevista a professora 2 falou que com a leitura desses relatórios percebeu quais seriam as potencialidades e dificuldades dos estudantes que iria acompanhar, e declarou ainda que: “na realidade eles me surpreenderam positivamente, eles são alunos que eu consigo trabalhar com muita tranquilidade”.

Perguntamos como é trabalhar com dois estudantes diferentes ao mesmo tempo e na mesma sala de aula. A professora 2 respondeu que os estudantes são opostos um do outro, nas

palavras dela “o estudante y é mais introspectivo e calmo, fala baixo, fala mais devagar, já o estudante z fala rápido, gosta de interagir e gosta de atenção” falou também que tem que tomar cuidado para poder atender os dois igualmente mesmo tendo personalidades diferentes.

A entrevistada informou que a dificuldade deles está mais relacionada ao comportamental do que na questão pedagógica, e exemplificou que o estudante z tem um comportamento mais explosivo e muitas vezes precisa sair da sala por conta do barulho, já o estudante y tem um comportamento mais disperso e desmotivado, necessita uma certa atenção motivacional” e acrescenta dizendo que na questão cognitiva os dois estão no mesmo nível.

A professora 2 desenvolve adaptações na forma de ensinar e avaliar os estudantes como professora de apoio de acordo com seus comportamentos. “Uma das adaptações mais realizadas por mim, foi tirá-los da sala de aula por conta do barulho, e levá-los para a biblioteca, porque muitas vezes era necessário verbalizar as avaliações para que entendessem melhor”.

A professora 2 não utiliza metodologia específica com os estudantes co TEA, pelo fato de apenas apoiar o professor regente não possui acesso para modificar ou alterar a metodologia adotada em sala de aula. Em função que os estudantes possuem mais facilidade com o concreto do que com o abstrato, a professora 2 utiliza o mesmo material didático que o restante da turma, porém complementa com a verbalização.

Foi questionado sobre a maneira em que os estudantes absorvem melhor o conteúdo, a entrevistada nos comunicou que o estudante y memoriza bem os textos, porém estudante z demanda uma conversa mais profunda, com necessidade de repassar algumas vezes o mesmo conteúdo para que pudesse absorver, ele prefere verbalizar ao invés de anotar, portanto os dois demandam atenção individualizada para repassar o conteúdo que o professor regente havia explicado.

Em relação a comunicação entre a professora 2 e os estudantes com TEA, ela respondeu que os dois conseguem verbalizar bem seus pensamentos e que a comunicação é realizada oralmente.

A professora 2 finalizou a entrevista falando que os professores de apoio estão nas escolas para auxiliar o estudante juntamente com o professor regente, dando suporte e o atendimento individual que o estudante com necessidades especiais necessita e proporcionar melhores alternativas para garantir a aprendizagem efetiva do aluno.

### 3.3 DISCUSSÃO

A partir dos dados coletados das entrevistas com as duas professoras de apoio e fazendo a relação com a teoria de Vygotsky, foi percebido que as duas utilizam a linguagem oral no processo de mediação exercido por elas. Para Vygotsky (1994) a linguagem representa o que os indivíduos são capazes de resolver, tais como problemas práticos. A verbalização é considerada um signo, pois ela é um elemento mediador que constrói representações mentais de elementos concretos (VYGOTSKY, 1994).

Para a professora de apoio 1 o principal canal de comunicação é a oralidade, utilizando uma linguagem simples, e realiza a mediação na interação em grupo para que haja um maior crescimento do grupo como um todo, tanto em relação ao desenvolvimento dos estudantes com TEA, como também dos estudantes neurotípicos, em sua perspectiva há uma construção coletiva com a troca de conhecimento, com isso ela acredita que os demais estudantes tornam-se instrumentos de aprendizagem, pois acredita que eles atuam como agentes de interação social com o estudante com TEA, realizando um papel mediador na construção da aprendizagem através da troca de experiências.

Outro fator em comum realizado pelas professoras de apoio é o fato delas levarem os estudantes para a biblioteca para que tenham uma melhor concentração em seus estudos e uma melhor aprendizagem por parte dos estudantes, além de obter êxito na mediação realizada, uma vez que elas levam os estudantes para a biblioteca para que possam explicar melhor os conteúdos através da oralidade de maneira que os estudantes entendam.

Assim, o meio de interação entre as professoras de apoio e os estudantes é constituído a partir da oralidade, este signo é fundamental uma vez que segundo Vygotsky e Luria (1994) a fala exerce um papel importante no desenvolvimento, é através dela que se organiza a atividade prática, não utilizando apenas seus olhos e mãos (VYGOTSKY; LURIA.1994).

O livro didático é utilizado como material para auxiliar nessa mediação, um instrumento que, segundo Vygotsky (1994), ao se inserir entre estudante e o mundo amplia as transformações da natureza. Sendo assim, materiais como livro didático, caneta, papel e a própria carteira da sala de aula se tornam importantes instrumentos mediadores durante o processo de aprendizagem desses estudantes conforme as professoras entrevistadas (VYGOTSKY; 1994).

A professora 2 utiliza desenho como forma de transformar algo abstrato para o concreto, isso pode agir como um signo importante auxiliando na questão do pensamento concreto. Segundo ela “o estudante em questão, em uma das aulas de filosofia onde foi necessário

desenvolver intensamente o pensamento abstrato numa atividade sobre Durkheim, foi necessária a utilização do desenho para auxiliar na compreensão do conteúdo filosófico”.

Dessa maneira, foi percebido que a professora 2, com a utilização do desenho em sua prática de mediação, adequou sua metodologia para atender as especificidades do estudante. “É preciso conhecer o perfil de cada indivíduo, pois o que é proveitoso com um nem sempre o é com outro, os interesses podem ser diversos” (ORRÚ, 2009, p.170).

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A teoria de Vygotsky esclarece que a mediação é constituída pela utilização de instrumentos e signos.

A partir dos dados coletados pelas entrevistas e fazendo a análise foi observado que as professoras de apoio para estudantes com TEA utilizam a biblioteca da escola, os livros didáticos, a si mesmas e os colegas como instrumentos de mediação. As professoras de apoio utilizam esses instrumentos em conjunto com a verbalização, explicando o conteúdo de maneira oral, e essa oralidade segundo a teoria de Vygotsky (2008) é caracterizado de signo.

De acordo com Vygotsky e Luria (1994) é a partir dos signos que a criança consegue realizar determinada tarefa com a utilização de instrumentos e assim organizar as funções psicológicas superiores.

Dessa maneira os dados coletados com as entrevistas das duas professoras de apoio correspondem com a teoria de Vygotsky, uma vez que as duas utilizam de maneira coletiva na mediação os instrumentos e o signo.

Também foi constatado através dos dados coletados que a mediação ocorre a partir da verbalização, a linguagem está presente na atuação das professoras de apoio e esse signo tem grande importância nesse processo, uma vez que possibilita a aprendizagem dos estudantes, pois é “por meio da linguagem que ocorre a formação dos processos mentais dos alunos e tem grande influência na constituição dos processos psíquicos” (ORRÚ, 2009, p.85).

Outro dado importante obtido na entrevista é a realização da mediação a partir da interação com os colegas da turma como instrumento de aprendizagem. Segundo Orrú (2010) nenhuma pessoa pode ser privada de se relacionar com outras pessoas, independente se há ou não algum transtorno, pois é a partir dessa relação social, do ambiente cercado por pessoas que a mediação ocorre. Assim sendo as professoras realizam a relação social como instrumento de mediação entre os estudantes, gerando trocas de experiências e possibilitando a aprendizagem deles.

Ainda nesse sentido é possível observar uma mediação nas Zonas de Desenvolvimento dos estudantes. Pois ao interagir com pares da mesma idade, os estudantes realizam trocas com pares mais experientes, permitindo a ampliação de suas zonas de desenvolvimento (VYGOTSKY, 2008). Dessa forma há a consolidação da aprendizagem.

Percebemos a relevância de ampliar os conhecimentos sobre os conceitos de mediação de Vygotsky, uma vez que é a partir da mediação que os estudantes desenvolvem e aprendem. Nesse sentido, é importante que os professores de apoio de estudantes com TEA conheçam o conceito de mediação e, aprendizagem e desenvolvimento, presentes na teoria de Vygotsky. E, além disso, possam aplicar a teoria, a partir de instrumentos e signos uma vez que esses auxiliam na mediação e podem gerar melhor compreensão nos processos de aprendizagem desses estudantes.

## REFERÊNCIAS

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION (APA). **Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais**. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2014.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão. **Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva**. Brasília, DF: MEC, 2008.

\_\_\_\_\_. Presidência da República. Casa Civil. **Lei Nº 12.764**, de 27 de dezembro de 2012. Institui a Política Nacional de proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil. Brasília, DF, 28 dez 2012.

CUNHA, Eugenio. **Autismo e Inclusão: Psicopedagogia e práticas educativas na escola e na família**. Rio de Janeiro: Wak, 2015.140p.

FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa**. 3ª edição. Porto Alegre: Artmed, 2009.

MENDES, Enicéia Golçalves; ALMEIDA, Maria Amélia; TOYODA, Cristina Yoshie. **Inclusão escolar pela via da colaboração entre educação especial e educação regular**. Educar em Revista, Curitiba, Brasil, n. 41, p. 81-93, jul./set. 2011.

PARANÁ. Secretaria do Estado da Superintendência da Educação. **Instrução normativa nº 001**, de 15 de janeiro de 2016. Estabelece critérios para a solicitação de Professor de Apoio Educacional Especializado aos estudantes com Transtorno do Espectro Autista. Curitiba. 2016.

RIPPER, Afira,V. **Significação e mediação por signo e instrumento**. Temas em psicologia. Ribeirão Preto, v.1,n.1,p.25-30,abr.1993.

STOLTZ. Tania. **As perspectivas construtivista e histórico cultural na educação escolar**. 3 ed.rev e ampl.- Curitiba: Ibpep p.58- 64. 2012.

ORRÚ, Ester Silvia. **Autismo, linguagem e educação: interação social no cotidiano escolar**. 2ª edição. Rio de Janeiro: Wak, 2009

ORRÚ, Ester Silvia. Contribuições da abordagem histórico-cultural na educação de alunos autistas. **Rev Hum Med**. Ciudad de Camaguey, v.10, n.3, p.1-11,dic. 2010.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos superiores.** São Paulo: Martins Fontes. 2008.

VYGOTSKY, L. S., LURIA, A. R. Tool and symbol in child development. In: VAN DER VEER, R.; VALSINER, J. (Ed.). **The Vygotsky reader.** Cambridge, USA: Blackwell, 1994. p. 99-174.

WHITMAN, Thomas L. **O Desenvolvimento do Autismo: Social, cognitivo, linguístico Sensório-motor e Perspectivas Biológicas.** São Paulo: M. Books, 2015.